

ENTREVISTA COM A BIBLIOTECÁRIA E PROFESSORA MOÇAMBICANA DELFINA LÁZARO MATEUS¹

Priscila Sena²

Em 11 de agosto de 2019, eu Priscila Sena realizei uma entrevista a distância com a bibliotecária e doutoranda Delfina Lázaro Mateus, uma jovem moçambicana de 26 anos, cheia de garra e crença nas mudanças que as áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação podem fazer na sociedade por intermédio de suas e seus profissionais.

Nós nos conhecemos no mês de julho, nas edificações da Universidad Carlos III de Madrid, no campus de Getafe, onde Delfina é doutoranda, e eu me encontro em uma estância de estudos do programa Doutorado Sanduíche, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil. No entanto, devido a desencontros de agendas não foi possível realizar uma entrevista pessoalmente para a Revista ACB, somente realizei o convite, ao qual Delfina aceitou prontamente com muita alegria e satisfação.

Sobre Delfina Lázaro Mateus, esta é docente na Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique no Curso de Licenciatura em Biblioteconomia. Doutoranda, com Mestrado em Documentação, Arquivos e Bibliotecas no entorno Digital na Univeridad Carlos III de Madrid, Espanha, e com especialização em Biblioteconomia pela Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique.

Atualmente exerce também a função de coordenadora do curso de Licenciatura em Biblioteconomia na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane e docente das disciplinas: Introdução à Biblioteconomia e Bibliotecas Públicas e Escolares na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane.

Possui experiência profissional na área da docência e de gestão de unidades de informação. Desenvolve trabalhos de assessoria na área de gestão de informação e de documentos.

É coordenadora do projeto alfabetização digital de mulheres em Moçambique, um projeto de cooperação internacional entre a Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique e

¹ Contatos: Tel: +258842452861 Email: fynalazaro@gmail.com.

² Doutoranda e Mestra em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC). Email: priscilasena.ufsc@gmail.com.



a Universidad Carlos III de Madrid, Espanha - 2019. Tendo trabalhado no projeto de concepção de uma Biblioteca particular na Fundação Universitária da Universidade Politécnica, A politécnica em Moçambique e no projeto Jovens mulheres nas tecnologias de informação e comunicação do Ministério da Ciência e tecnologia e a Universidade Eduardo Mondlane.

Com esta introdução, acredito que vocês leitores da Revista ACB compreendem o porquê que Delfina foi convidada para a entrevista que se segue. Caso ainda não tenham compreendido nossa motivação, leia toda a entrevista e se encantem com a história de luta dessa profissional e humana inspiradora.

A entrevista foi iniciada com o pedido para Delfina falar um pouco sobre ela e sobre sua motivação para escolher cursar o curso de Biblioteconomia.

Delfina gostaríamos de saber um pouquinho sobre você e o porquê de você escolher cursar a Biblioteconomia.

A Biblioteconomia é o curso que sempre quis fazer mas não sabia que existia. Quando me candidatei para o exame de admissão queria fazer um curso que estivesse relacionado com informação, mas que não fosse jornalismo, (naquela época não tinha ideia da diferença entre a comunicação e informação) e a Ciência da Informação (CI. Em 2009, a universidade Eduardo Mondlane introduziu um novo curso e nessa altura havia pouco informação no país sobre a área.

No ano em que comecei a fazer o curso, a área apenas tinha 2 anos de existência no país. Eu faço parte do terceiro grupo dos formados em Ciências de informação, com especialização em Biblioteconomia em Moçambique.

Descobri a existência do curso por meio do edital que a Universidade Eduardo Mondlane publica para orientar o concurso de admissão; vi um curso com a designação de Ciência da Informação, e naquele momento percebi que era aquilo que eu queria fazer, “*algo relacionado com informação, mas que não fosse jornalismo*”.

Confesso que depois desta descoberta não me preocupei em pesquisar sobre o curso, estava mais preocupada, naquela altura, em me preparar para os exames de admissão.

Quando me candidatei em 2011, o curso se denominava Ciência de Informação (hoje temos na universidade o Curso de Biblioteconomia e o Curso de Arquivística de forma separada), e sóno terceiro nível, se escolhe a vertente de especialização que pode ser, em

Arquivística ou Biblioteconomia. Preferia especialização em Biblioteconomia porque me identifiquei mais com o ramo. Na minha óptica a Biblioteconomia me daria mais espaço para uma atuação profissional virada para as questões sociais, fosse através da biblioteca, ou da disciplina específica, serviços de referência que remete ao bibliotecário a ter uma interação com o usuário.

Na sequência falei para Delfina contar como foi decidir seguir para o mestrado e doutorado.

Durante a minha licenciatura tentei sempre ser uma estudante dedicada e esforçada (algum momento fui conotada como CDF ou Nerd, como se fala na gíria brasileira.....). A dedicação fez com que um dos meus professores de graduação Manuel Valente Manguê propusesse a direção do curso para que eu fosse sua monitora (iniciação científica) da disciplina de Introdução a Biblioteconomia, e nesta época, por causa da iniciação, a vontade e o desejo de fazer um mestrado foi se transformando em algo natural e necessário, porque a academia estava a projetar-me para a carreira docente ou para investigação científica.

Em Moçambique, não existe, ainda o curso de pós-graduação em Biblioteconomia, e por causa disso, comecei a pensar desde cedo em alternativas para continuar os estudos a nível de mestrado na mesma área fora do país.

A eleição da Espanha foi movida pelo fato da minha irmã (Natércia Lázaro) que sofria de Queratocone (uma doença que afeta as córneas) ter tido a oportunidade de fazer o transplante de córnea na Espanha, graças a uma campanha solidária. No processo de tratamento tinha que viajar com ela, para que pudesse cuidá-la. Devido ao contato que tive antes com o país, conjugada às questões de saúde da minha irmã, a Espanha foi se tornando uma possibilidade viável para fazer o mestrado.

Em 2016 concorri para uma bolsa de estudo da AECID (Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo), mas não fui admitida. A necessidade de concorrer para uma bolsa de estudos para o ano de 2017 não foi só movida por uma ambição acadêmica, mas também pela saúde da minha irmã. Em 2017 ela tinha que continuar com o tratamento da vista e desta vez ficaria um ano na Espanha, nesse caso mais do que fazer companhia e cuidar dela, eu queria aproveitar este tempo para me formar.

Como a primeira tentativa não deu certo, tentei buscar outras alternativas, através da cooperação entre a Universidade Eduardo Mondlane e a Universidad Carlos III de Madrid, coordenada por Manuel Mangué em Moçambique e José António Moreiro na Espanha, e também com intervenção de professores da Universidad Complutense de Madrid (Célia Sanchez Ramos, José António de las Heras e Mar Marcos Molano), que estavam em frente do processo do tratamento da minha irmã. Graças ao apoio deles consegui uma bolsa de estudo na Universidad Carlos III para fazer o mestrado em Bibliotecas e Serviços de Informação Digital em 2017.

O doutoramento que iniciei este ano de 2019, é resultado daquilo que descobri no mestrado, adquiri novos conhecimentos sobre a área, e tive muito incentivo da minha supervisora de dissertação (Virgínia Ortiz-Repiso) e de alguns professores do mestrado para continuar com os estudos no nível de doutoramento. Nesta fase que estou não conto com nenhum apoio financeiro, e como preciso de uma fonte para financiar os estudos, trabalho em Moçambique e faço o doutoramento à distância.

Posto essa resposta, perguntei sobre o que a levou seguir carreira docente e atualmente ainda ser coordenadora de curso.

Conforme disse anteriormente, a minha dedicação com os estudos é que me projetou para a carreira docente, fui igualmente incentivada pelos professores desde a graduação. Quanto a coordenação do curso, bem, recebi a proposta do diretor da escola, que foi após o processo eleitoral para a escolha do novo quadro diretivo na Escola de Comunicação e Artes.

Quando me chegou a proposta senti que não estava preparada, primeiro porque não tenho experiênciana área administrativa, segundo porque acabava de iniciar o doutoramento; seria complicado conciliar os estudos, o trabalho e gerir curso. No princípio fiquei com receio de aceitar a proposta, não me sentia capaz, porém, mais uma vez, tive apoio dos meus colegas que anteriormente foram meus professores. Nesta fase inicial, conto com a ajuda de todos, embora enfrente algumas dificuldades; confesso que estou a aprender muito e a cada dia descubro habilidades para outras áreas.

Como abordei na introdução, Delfina hoje trabalha com a temática alfabetização digital de mulheres em Moçambique, e assim perguntei sobre quais foram as suas motivações para trabalhar esse tema em sua tese.

O período que passei na Espanha serviu para que eu tivesse consciência do que é ser mulher e acima de tudo mulher negra. A forma como são tratadas as questões dos direitos humanos na Europa são um pouco diferentes da forma como são na África, especificamente em Moçambique, para nós, as questões culturais, políticas e religiosas em algum momento têm muita influência sobre as políticas públicas e sociais no que respeita as questões de gênero. Estas políticas parecem não colaborarem para a inclusão efectiva da mulher na sociedade. Na Espanha pude vivenciar uma realidade completamente distinta em questões de direitos da mulher, tive a consciência do quanto as mulheres do meu país precisam se libertar, e percebi que essa liberdade só poderia ser alcançada através do acesso a informação.

Quanto ao ser negra, só tive consciência do que é ser negra quando vivi na Espanha, antes disso a minha cor de pele não era um elemento que me definisse. O racismo ainda existe na Europa e no mundo, as pessoas parecem ter aversão à diferença. Na universidade não sofri tanto racismo, porque a Universidad Carlos III me pareceu muito inclusiva e os professores sempre foram e continuam sendo muito receptivos e curiosos em conhecer outras culturas, por isso a minha inserção na academia foi mais simples, entretanto no contexto social, foi mais difícil, senti o racismo, algumas vezes de forma direta e em outras vezes camuflado.

A deficiência das políticas de inclusão da mulher e a experiência que tive no estrangeiro me motivaram a desenvolver um estudo, sobre alfabetização digital de mulheres em Moçambique, com o principal objetivo de construir um modelo de inclusão digital para as mulheres em Moçambique, dando especial atenção as adolescentes das zonas urbanas e rurais. Pretendo por intermédio da minha área de atuação contribuir na alfabetização digital de mulhere. Creio que esta alfabetização por sua vez, as permitirá maior acesso a informação e consequentemente melhor inserção social. Espero consciencializar as mulheres sobre os seus direitos, e acima de tudo sobre como o acesso a informação pode projeta-las a uma vida de qualidade.

A partir desse ponto indaguei se Delfina acredita que sua tese pode ajudar essas mulheres.

Por ser um estudo aplicado, estamos em paralelo a alfabetizar as mulheres, e o resultado que tivemos da primeira experiência formativa, me leva a afirmar que os resultados da tese poderão ajudar muitas mulheres, não só adolescentes, mas também mulheres em qualquer situação de vulnerabilidade que precisem de ser incluídas e protegidas pela sociedade.

A abordagem de alfabetização digital que trago não é apenas baseada em aprender as funcionalidades do computador, mas também na possibilidade da mulher poder ser instruída a utilizar fontes de informações digitais sobre saúde reprodutiva, educação, emprego e empreendedorismo, pois acredito que com isso, elas poderão ter bases, ainda que mínimas para buscar melhores alternativas de sobrevivência social; mais do que isso, quero mostrar por meio de exemplos reais que as mulheres podem ser o que elas querem.

Para fechar a entrevista pedi para Delfina deixar alguma mensagem para outras mulheres e jovens negras e afro descendentes da nossa área que estão no Brasil, em seu país e em alguma parte do mundo.

A mensagem que deixo para as mulheres negras que estudam Biblioteconomia ou Ciência da Informação, seja no nível de graduação ou pós-graduação é que a Biblioteconomia é uma ciência relevante, tanto quanto outras ciências. Muitas mulheres, principalmente negras e de países em vias de desenvolvimento continuam a lutar pelos seus direitos, e muitas delas nem se quer têm consciência dos seus direitos, e neste caso, o nosso papel enquanto profissionais de informação é garantir e advogar por esses grupos vulneráveis para que possam ter acesso aos seus direitos. O acesso a informação é vital, tanto quanto o acesso a saúde, por isso vamos atuar nesta área com paixão e perseverança para que por intermédio da nossa ciência possamos garantir o acesso à informação, a inclusão social, e conseqüentemente para que outros direitos vitais sejam efetivos.

Muitos estudantes de Biblioteconomia, não têm a área como primeira opção para a graduação, e isso faz com que sejam estudantes desmotivados e sem grandes perspectivas profissionais. A este grupo só tenho a dizer:

Se permitam descobrir o quão vocês são necessários na sociedade como bibliotecárias e bibliotecários, pois é nossa a missão de fazer mudanças em nossas comunidades.

Com essa mensagem encerro esta entrevista, que a cada vez que leio me toca e me move a somar esforços com a Delfina e com tantas outras e tantos outros profissionais que acreditam, assim como eu, que somos agentes de mudanças como profissionais da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

